

Pertencimento e tradição: a identidade germânica de Rio da Ilha frente a multiculturalidade

*Belong in gand tradition: the Germanic identity of Rio da Ilha
facing multiculturality*

Daniel Luciano Gevehr

Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT – Taquara – Rio Grande do Sul – Brasil

Shirlei Alexandra Fetter

Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT – Taquara – Rio Grande do Sul – Brasil

Resumo: O objetivo do estudo é discutir as características identitárias da cultura germânica na localidade de Rio da Ilha, pertencente ao município de Taquara/RS. Destaca-se a identidade cultural expressa às características marcantes do indivíduo, na medida em que o mesmo é influenciado ou não pela cultura do grupo a que pertença. Como metodologia, abordaram-se moradores que mantiveram vínculos com imigrantes alemães chegados a comunidade, também se fez registro por imagens sobre patrimônios materiais de característica germânica. Os resultados demonstraram que a ressignificação da cultura germânica é repassada - de diferentes maneiras - por meio das gerações, como forma de preservar a identidade étnica. Atualmente a localidade está marcada por multiculturalidade, as quais se encontram associadas aos processos híbridos estabelecendo interações entre as diferentes culturas. Evidenciam-se características que naturalizam e cristalizam as identidades dos habitantes de uma região, composta pela etnicidade, que se articula com o passado em comum dos habitantes de um território, os quais vão articulando estratégias que visam fortalecer e preservar a cultura por intermédio dos vínculos locais. Contudo, conclui-se que os imigrantes alemães de Rio da Ilha tinham como propósito a busca pela sustentabilidade através de seu trabalho.

Palavras-chave: Identidade. Cultura. Comunidade.

Abstract: The objective of the study is to discuss the identity characteristics of the Germanic culture in the locality of Rio da Ilha, belonging to the municipality of Taquara / RS. It emphasizes the cultural identity expressed to the outstanding characteristics of the individual, to the extent that it is influenced or not by the culture of the group to which it belongs. As a methodology, residents were approached who maintained ties with German immigrants who arrived in the community, and also registered with images about heritage materials of Germanic character. The results have shown that the re-signification of the Germanic culture is passed on - in different ways - through the generations as a way of preserving ethnic identity. Currently the locality is marked by multiculturality, which are associated to the hybrid processes establishing interactions between the different cultures. Characteristics that naturalize and crystallize the identities of the inhabitants of a region, composed of ethnicity, articulate with the common past of the inhabitants of a territory, which articulate strategies that aim to strengthen and preserve culture through the links locations. However, it is concluded that the German immigrants from Rio de Janeiro had as their purpose the search for sustainability through their work.

Keywords: Identity. Culture. Community.

1 Introdução

Pesquisas recentes sobre cultura, identidade, raça e etnia apresentam-se, cada vez mais, de forma expressiva no meio acadêmico, permitindo reafirmar a pluralidade de representações e identidades relacionadas a cultura [e suas diferentes expressões] contemporâneas. Com a globalização reduziram-se as distâncias e aproximaram-se da nossa “vizinhança” culturas, pensamentos, ideias e línguas que, em sua maioria, nossos antepassados jamais haviam ouvido falar ou até mesmo imaginado existir. Essa proximidade, propiciou sentimentos contraditórios, assim como tornou o mundo diversificado e dinâmico em sua constituição cultural e, da mesma forma, serviu de incentivo para um processo de valorização das diferenças – de diferentes matrizes – desses grupos (FLECK, 2004).

A cultura, compreendida como parte das manifestações de um grupo social, nesse contexto, é colocada como ponto central da discussão. Todavia, o estudo busca compreender os traços culturais – expressos através de determinadas interações do grupo – e que manifestam parte da sua identidade. Em síntese, o que se procura com a pesquisa de campo, não é se o grupo, que compartilha de uma identidade étnica comum, se identifica com o sentimento – comum – de pertencer a determinado grupo, com o qual o indivíduo partilha as mesmas tradições (CORREA, 2007).

Para melhor compreender essa questão, deve-se lembrar que os aspectos multiculturais e suas teorizações, de caráter globalizante, abrangem, também, a multiplicidade, enquanto característica contemporânea (HALL, 2003). Na busca pelo reconhecimento das origens, o estudo problematiza as características identitárias, expressas na cultura germânica, direta ou indiretamente ligada à herança étnica de uma comunidade rural, situada na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMP), que é a localidade de Rio da Ilha, pertencente ao município de Taquara (RS). A identidade cultural da região, assim como da própria localidade, está diretamente ligada a presença da imigração alemã, cujas origens

remetem ao século XIX e a fundação da Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo, que é considerada o berço da imigração alemã no Brasil.

Tendo a história da imigração alemã para o sul do Brasil como contexto da investigação, busca-se melhor compreender o passado da colonização germânica na região do Vale do Paranhana, na qual se insere a localidade de Rio da Ilha. Nesse contexto, é que encontramos o município de Taquara (RS), cuja memória está diretamente associada ao passado imigrante alemão. Essa memória, por sua vez, se manifesta, até o tempo presente, através dos diferentes elementos presentes na cultura cultural e material.

Ainda que reconheçamos que, no caso de Taquara e de forma mais particular na localidade de Rio da Ilha, parte da população se constitua - originalmente - de imigrantes alemães que mal sabiam falar português, há de se considerar o fato de que, por maiores que tenham sido as transformações pelas quais a região passou especialmente com os movimentos migratórios contemporâneos e a globalização, a etnia germânica destaca-se em relação as demais culturas (CARREIRAS, 2002).

A multiculturalidade leva a pensar a sociedade como algo multicultural e diverso, na qual existem diferentes grupos sociais, com diferentes padrões de organização social, política, econômica e, de forma especial, cultural (LANÇANOVA *et al*, 2015). A existência de grupos e manifestações culturais diversas, no contexto da globalização, faz pensar as comunidades como expressões singulares, que através de suas próprias formas de organização e percepção do mundo, constroem seus próprios mecanismos de criação e significação das coisas.

No caso da cultura germânica, reproduzida na localidade de Rio da Ilha, o estudo propõe uma análise crítica sobre as manifestações culturais presentes na atualidade na localidade. Através da investigação dos costumes e das tradições, oriundos da Alemanha e que assim apresentam-se material e imaterialmente, procuramos compreender como essa cultura se manifesta na atualidade e como essa se apresenta como uma preocupação evidente dos

moradores do lugar. A preocupação em preservar a cultura herdada dos imigrantes alemães é um elemento fundamental na dinâmica de preservação da memória do grupo étnico.

O percurso metodológico adotado na pesquisa é a análise qualitativa, privilegiando a análise dos aspectos culturais da comunidade em questão e dos dados empíricos coletados na investigação *in loco*. Para isso, evidenciam-se os elementos relacionados aos costumes, às crenças e aos valores. Durante a ação de pesquisa foram exercidos, para coletar os dados, registros fotográficos, pesquisa documental em arquivos históricos. Além do mais, se contou com relato de pessoas, que através dos seus depoimentos pessoais, permitiram melhor compreender a forma de pensar e preservar a cultura germânica na comunidade. Também se discutiu os conceitos relacionados à identidade étnica germânica, para que à luz dessa teoria melhor compreendêssemos o objeto da pesquisa.

Por intermédio da análise crítica produzida sobre os aspectos materiais através de diferentes elementos da cultura, apresentam-se os traços da etnicidade, presente entre os habitantes de um território. A língua, a música, os saberes locais, os afazeres cotidianos dos moradores, são exemplos desses discursos, que revelam a forma como a comunidade entende sua feição de viver e rememorar o passado, buscando preservar suas origens, através da cultura herdada dos imigrantes alemães, mas que é ressignificada e rememorada de diferentes maneiras e perspectivas, de acordo com cada época e contexto.

2 Texto e contexto da pesquisa: a organização do espaço e a etnicidade germânica

Diante da realidade multicultural da contemporaneidade, expressa em escala mundial, impõe-se pensar as nações, do ponto de vista cultural, como categorias etnicamente heterogêneas e não mais homogêneas, como se pensava até pouco tempo. Considera-se, portanto, fundamental acrescentar medidas que envolvem tanto o

consentimento sobre a igualdade, bem como o de direitos básicos e cidadania. Além disso, é fundamental a adoção de políticas públicas que tornem viável um processo de ressignificação da diversidade étnica e cultural perante os diferentes grupos sociais.

De acordo com Hall (2003), na contemporaneidade, frente a uma sociedade multicultural, se faz presente a promoção da alteridade entre os indivíduos, identificando-os enquanto seres humanos e sujeitos pertencentes a um determinado contexto social. Diante das consequências e desafios, ampliaram-se as facilidades de comunicação e, conseqüentemente, a transmissão dos valores culturais com os efeitos da globalização sobre as culturas locais. A integração desse processo, aproxima cada vez mais grupos culturais pluralizados. Deste modo, a diversidade cultural, apresenta-se como alvo de debates intensos. O grande desafio, colocado frente a essa realidade, é o pertencimento da identidade cultural, mas ao mesmo tempo demanda relações com o diferente.

As exigências sejam quais forem diante da globalização, cujas particularidades são multiculturais de modo que as particularidades culturais encontrem-se plenamente inserida nesse contexto. Para tanto, torna-se necessário o reconhecimento e o respeito as diferenças singulares de cada indivíduo. Reconhecer a diferença é a iniciativa de comportamentos que evidenciam relações harmônicas, não como iguais, mas do ponto de vista humano, social, o que nos caracteriza diante da diversidade cultural existente (HALL, 2003).

Nesse âmbito, as certezas vão facultando lugar à desconstrução, pluralização, ressignificação, reinventando identidades, subjetividades, saberes, valores, convicções, horizontes de sentido. Somos convidados a assumir o múltiplo, o plural, o diferente, o híbrido. Canclini (2013) define esse processo de hibridização cultural, como a ruptura da ideia de pureza, de característica multicultural possibilitando o encontro entre as diferentes culturas. O hibridismo através de um conceito positivo se fundamenta, sobretudo, no multiculturalismo como um espaço que

possibilita o diálogo entre a diversidade cultural, um fator também considerado como uma espécie de tolerância às diferenças culturais (CANCLINI, 2013).

Em face ao exposto, considera-se a observação sobre o conceito de *etnia* que se diferencia por suas especificidades, culturais, religiosa, linguística, pelos modos de agir e que possui a mesma origem e história. Compreendendo a cultura como constituída, também, através das influências e trocas sociais, há de observar que a interpretação de um grupo étnico, deve tomar como elemento fundamental a representação da cultura, que os identifica como grupo, de acordo com os símbolos culturais manifestos - e expressos de diferentes formas - no cotidiano. Nessa perspectiva, Hall (2004) defende que a identidade de um grupo se caracteriza, ao longo do tempo, por meio de suas ações e representações, frente aos desafios propostos pela sociedade. Neste sentido, o grupo destaca os traços culturais mais relevantes, em determinado contexto, para expressar sua identidade (CUCHE, 1999).

Para entender o conceito e as relações de alteridades dentro dos grupos étnicos, deve-se considerar que o grupo de alemães, se apresenta de forma diferenciada perante aos demais, que não partilham da mesma origem étnica. De acordo com Gastal (2001), a comunidade [étnica] reconhece-se por meio da constatação linguística, religiosa e das suas tradições. Por estas questões, a *etnicidade* oferece ao sujeito a relação direta com o passado dando continuidade, mantida pelo seguimento das tradições e os sentidos que elas expressam.

Com isso, parte-se da ideia de que *etnia* ou *etnicidade* (POUTIGNAT; STREITFF- FENART, 1998) são conceitos fundamentais para pensar o objeto da pesquisa e, através dos quais, pode-se pensar na relação existente entre os processos que envolvem a preservação das memórias e dos sentimentos associados à identidade étnica. A definição proposta por Seyferth (2011, p.47) ajuda a compreender essa questão, na medida em que a autora afirma que “a delimitação teórica agrega a identidade [e seus aspectos subjetivos] e a noção de fronteira [social]

que delimita o pertencimento a um grupo ou comunidade”, contribuindo para a identificação do grupo em torno de princípios comuns.

A constituição da identidade não está ligada apenas à sua origem étnica, mas também a outras práticas sociais, costumes, hábitos familiares e o próprio fazer das tradições (THOMPSON, 2013) que por sua vez, são preservadas e atualizadas e (CANDAU, 2012) de geração em geração. Ao sintetizar a rememoração ao passado, Gevehr e Dilli (2017, p. 269) destacam como “um processo de atualização da memória na qual a herança deixada pelos antepassados e resinificada pelas atuais gerações”. Em síntese, os bens culturais são preservados em função da relação da memória, que nos dão a oportunidade de revivê-lo a partir do momento em que o indivíduo se dispõe a preservar os seus bens culturais.

Buscando melhor fundamentar nossa análise sobre a identidade étnica, discutimos os sistemas classificatórios, que envolvem a produção das identidades, que apontam para necessidade de reafirmação da *germanidade* – compreendida como uma categoria que remete a “lembrar e perpetuar” o passado da imigração alemã. Sobre essa questão, Seyferth (2011) se refere ao *Deutschtum*, que expressa a *germanidade* [ou o jeito de ser alemão no Brasil], como um laço identitário, que une os imigrantes e seus descendentes através da *etnicidade*.

Nessa mesma linha de interpretação, Woodward (2014) afirma que as identidades são fabricadas, através de um processo que envolve a *marcação das diferenças*. Segundo ela, isso ocorre através de *sistemas simbólicos de representação*, no qual a identidade depende diretamente da diferença, na medida em que, a diferença simbólica ou social, se estabelece por meio de sistemas classificatórios, onde se define aquilo *que é nosso e aquilo que queremos mostrar*. Esses elementos, preservados pelo grupo, por sua vez, revelam escolhas e *enquadramentos da memória* (POLLACK, 1989), ao mesmo tempo em que define aquilo que deve ser mostrado e guardado para a exposição pública.

Cabe ressaltar, ainda, que o patrimônio preservado na comunidade, revela-se como *lugar de memória*, que na acepção de Pierre Nora (1993, p.21), podem ser “lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos.” Para o autor, a “memória pendura-se em lugares como a história em acontecimentos” (Ibidem, p.25), logo os lugares de memória da comunidade, além de serem socialmente construídos e preservados, exercem papel fundamental da *perpetuação da memória* (HALBWACHS, 2004).

Halbwachs (2004) mostra como os lugares desempenham um papel fundamental na construção da memória coletiva. Para ele, os lugares fazem lembrar de fatos ocorridos no passado e, assim, contribuem para a construção da memória, evocando o passado. Quando uma comunidade elege seus lugares de memória – com forte presença de elementos étnicos – pode-se perceber os condicionantes envolvidos em sua eleição.

Também se faz necessário pensar a preservação do patrimônio da comunidade, a partir da teoria defendida por Burke (2017), que mostra como as imagens [nesse caso, as imagens do passado] representam uma *evidência histórica*, permitindo melhor compreender os mecanismos que envolvem as escolhas e os enquadramentos da memória do grupo, que através das imagens – que nesse caso específico se revelam através do patrimônio material e imaterial da comunidade – procuram manter viva uma determinada memória do passado.

À luz dessas questões teóricas, temos que aprofundar o debate sobre o cenário da pesquisa. Os imigrantes alemães que chegaram ao Brasil, no século XIX, eram, em grande parte, camponeses que haviam perdido suas terras, por conta da expansão industrial, ocorrida em sua pátria de origem. Caracterizados por uma cultura de ações empreendedoras [influenciados diretamente pela Reforma Luterana do século XVI], os quais desejavam exercer livremente suas atividades, a fim de superar as dificuldades enfrentadas, depararam-se com uma política brasileira de incentivos coloniais às

pessoas que eram consideradas intelectuais e que prestassem trabalhos (DREHER, 1995).

A chegada da imigração alemã no Rio Grande do Sul, ocorreu a partir de 25 de julho de 1824, com a criação da Colônia Alemã de São Leopoldo. Os alemães chegavam em pequenos grupos, que se organizaram e expandiram-se pela região, abrindo picadas e colônias pelo interior do Rio Grande do Sul. Nas primeiras cinco décadas, foram introduzidas à região um número significativo de imigrantes, apresentando percentual considerável destinado à colonização agrícola. Assim, a região do Vale do Rio dos Sinos, estava quase que completamente ocupada por imigrantes alemães (FLECK, 2004). A colonização alemã ultrapassou os limites do Vale do Sinos, se expandindo por outras regiões do Rio Grande do Sul (CARBONARI, 2009).

A colonização alemã em Taquara, *lôcus* da pesquisa, teve início em 1846, com a chegada dos primeiros imigrantes. O nome do município é proveniente de “taquaral”, vegetação de bambus silvestres, que cobria as margens do rio dos Sinos, até então denominada Colônia do Mundo Novo, após emancipação política de São Leopoldo, passando a chamar-se de Taquara do Mundo Novo, fundada por Tristão Monteiro (SOBRINHO, 2008).

Taquara, está situada na Mesorregião Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Sua colonização efetiva, surgiu a partir das ações empreendedoras, pertencentes aos familiares dos imigrantes alemães, juntando-se a estes, mais tarde, italianos, franceses, poloneses e outras etnias (IBGE, 2014). O município possui 57.402 habitantes (IBGE, 2014), sendo que a maioria se concentra na área urbana e, apenas 9.377 destes, moram na zona rural. Localizada no Vale do Paranhana, está a menos de 100 km da capital Porto Alegre e Litoral Norte. No interior do município, é que se encontra Rio da Ilha, distante 10 Km do centro da cidade.

Figura 1: Mapa dos municípios do Vale do Paranhana.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2017.

No início da colonização alemã, a economia do município de Taquara baseava-se na agropecuária. Na agricultura, destacavam-se as culturas de feijão, milho, cana-de-açúcar e mandioca e na pecuária, a criação de suínos e bovinos de leite. A instalação da via férrea, entre os municípios de Novo Hamburgo e Taquara, foi inaugurada em 1903 e trouxe grande contribuição para o desenvolvimento da cidade, servindo de escoadouro da produção local. Nesta época, Taquara ostentava a condição de um dos maiores produtores de feijão preto do estado.

Taquara exerce, ainda, um importante papel no desenvolvimento regional. Um deles é o comércio, que apresenta diversificadas opções em todos os ramos, comparando-se à estrutura dos grandes centros. Atualmente, algumas atividades industriais se sustentam pelos segmentos do calçado, produtos plásticos e laticínios, depois dos serviços. Na área da educação, Taquara conta com uma notável rede de escolas públicas e de escolas particulares, de grande porte, estas com reconhecimento regional, entre as quais as Faculdades Integradas de Taquara, instituição de ensino superior.

A história da cidade também se revela através dos prédios preservados, como a sede da Câmara da Indústria, Comércio, Serviços e Agropecuária do Vale do Paranhana e o Clube Comercial, que são exemplos da beleza arquitetônica encontrada na área central da cidade. Destaca-se, ainda, o Palácio Municipal Coronel Diniz Martins Rangel, de construção neoclássica, que data do início do século XX. Além disso, tem-se os templos das

Igrejas Católica e Protestante, que atestam a forte influência da imigração alemã e que, estão situadas frente a frente, na rua principal da cidade (SOBRINHO, 2008).

Como ocorre em muitas cidades brasileiras, parte do patrimônio arquitetônico legado pela imigração, não foi preservado. No interior do município, existem exemplos de edificações arquitetônicas, construídas pelos imigrantes alemães, como é o caso da localidade de Rio da Ilha. A localidade tem seu nome originado pelos fluentes dos rios, o da Ilha e Padilha, formando uma configuração geográfica que se assemelha a uma ilha.

Figura 2: Localidade de Rio da Ilha, Taquara/RS.



Fonte: Imagem extraída do Google Maps.

Localizada a 10 Km do centro de Taquara, a colonização de Rio da Ilha iniciou em 1878, quando chegaram os primeiros alemães, vindos de Sapiranga, atual município integrante da Região Metropolitana, e também de outras regiões do estado. Todos que chegavam, vinham em busca de novos horizontes, objetivando o cultivo da terra e dela extraírem o sustento.

3 Percorrendo as vivências culturais de Rio da Ilha

Partindo da noção de que as relações étnicas - e nesse caso mais específico as relações dentro de um mesmo grupo étnico - acabem servindo de base para a construção da identidade de um indivíduo, de um grupo ou até mesmo de uma região, procuramos caracterizar os diferentes aspectos presentes na cultura da localidade (MONTES, 1996). Através

desses elementos do cotidiano, buscamos compreender a dinâmica de produção e reprodução dos aspectos culturais presentes na convivência social da população que constitui o grupo étnico dos teuto-brasileiros de Rio de Ilha, que pode ser caracterizada como uma pequena comunidade de descendentes de imigrantes alemães do sul do Brasil – na qual se preservam elementos da cultura imigrantes – que passam por um amplo processo de reelaboração da sua cultura, frente às transformações da contemporaneidade.

Na memória do grupo, fica a lembrança de que, até o início 1894 passadas quase duas décadas da fundação da localidade não era expressivo o número de famílias de origem germânica, mas mesmo assim, a expansão da localidade, em termos demográficos, foi perceptível. A terra cultivada, já produzindo trigo e a vida levada pelos colonos era de simplicidade, os beneficiamento dos alimentos eram realizados em casa, atividade exercida pela mulher.

Com uma vida simples e o trabalho árduo, preservaram-se os hábitos e as tradições trazidos da Alemanha, como as comemorações em família, os batizados, confirmações e casamentos. Natal, momento esse em que as famílias vestiam-se com roupas novas e sapatos para encontrar amigos e conhecidos e assim celebrar o nascimento de Cristo e ouvir a tão esperada saudação de Feliz Natal, Páscoa e Ano Novo, isto é, tudo comemorado em família. Sobre essa questão Fleck (2004) acrescenta que havia, na área de imigração alemã, a forte tendência à religiosidade e à união, fatores que contribuíram para a preservação da cultura herdada dos primeiros imigrantes.

Considera-se que a vida dos imigrantes alemães na colônia de Rio da Ilha, não se caracterizava somente pelo trabalho, elemento bastante recorrente na historiografia tradicional produzida sobre a imigração alemã até a década de 1980, mas também com festejos em datas comemorativas. Além do Natal e da Páscoa era comemorado o *Kerb "Kirchwein"* – festa dedicada à inauguração do templo, festa típica que durava três dias.

De acordo com os relatos de moradores da localidade, essa festa era realizada nas casas dos imigrantes alemães, que se preparavam para receber muitas visitas dos parentes. A culinária era variada e o ambiente, de muita alegria. Relembram os depoentes que: “era um tempo em que não existia energia elétrica, e as bandinhas tocavam as valsas trazendo a alegria às festas” (MORADORA DA LOCALIDADE). Característica do povo alemão, a bandinha é um costume perpetuado através das gerações e, que manifesta parte dos valores étnico-culturais do grupo. O gosto pela música não era diferente no caso de Rio da Ilha (FLECK, 2004).

Com tal característica, surgiram as Sociedades de Canto. Com o intuito de cantar a música do folclore alemão, quanto as músicas sacras, música própria da tradição religiosa nos cultos, era a forma de encontrar consolo nas horas mais difíceis e compartilhar as características de origem cultural de sua pátria mãe, preservando a tradição cultural, as quais repassaram aos seus filhos. Com isso, as Sociedades de Canto prosperaram. Para ser integrante desta sociedade, era necessário ensaiar muitas horas, mesmo diante das dificuldades encontradas, como percorrer uma distância de quilômetros por caminhos precários.

Surgia, na comunidade, a Sociedade Quatro de Outubro, criada em 04 de outubro de 1902, como uma instituição cultural voltada para a rememoração e preservação da cultura herdada dos primeiros imigrantes alemães, que fundaram Rio da Ilha. Na imagem abaixo, temos a fotografia, que registra o ato de inauguração do prédio original da sociedade e também o ato de criação do coral masculino 04 de Outubro.

Figura 3: Sociedade Quatro de Outubro.

Fonte: Acervo pertencente a Sociedade União da Paz.

Os relatos dos moradores da localidade de Rio da Ilha apontam que este coral, chamado de Quatro de Outubro, foi fundado pelo Sr. Emílio Klein também em 1902, que era também o maestro e quem se dedicava a dirigir a orquestra, coro ou banda, enquanto compositor das músicas. Um dos instrumentos utilizados pelo Sr. Emílio, em suas atividades musicais exercidas no coral, era o violino.

Figura 4: Instrumento musical pertencente ao primeiro maestro.

Fonte: Acervo pertencente a Sociedade União da Paz.

Atualmente, este aparelho pertence ao acervo da sociedade. Sendo sua filha a herdeira, a mesma resolveu doar o instrumento musical à casa à qual seu pai dedicou parte de suas ações enquanto músico. Também o diploma, cuja imagem é apresentada abaixo, foi concedido ao Sr. Emílio Klein, como autorização à maestria, o que fez com que ele criasse o coral 04 de outubro. Segundo sua filha, este era um sonho para o qual seu pai se dedicou, tornando-se músico de formação, em 1928.

Ela também relata que, ele tinha como objetivo, ensinar as mulheres, sendo desta forma, o responsável pela composição do grupo de senhoras auxiliadoras – que mais tarde seria conhecido como OASE [Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas] ligado à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil [IECLB]. A igreja em questão, também era popularmente conhecida como a “igreja dos alemães”, demonstrando um forte elemento da identidade germânica.

Aproximando o canto com a religião, o maestro passou então, a se dedicar aos ensaios, tanto com o coral 04 de outubro, como com o das auxiliadoras, voltado às mulheres seguidoras da religião protestante. O maestro era – segundo as memórias da comunidade - muito exigente e, antecipadamente, dispensava quem não entoava o canto pela segunda aula, relembra sua filha, a qual fez parte e progrediu aos cantos, por incentivo de seu pai. Através do canto, convergiam diversos elementos da cultura do lugar: o canto, a religião e a identidade étnica, reunidas em torno da sociedade.

Figura 5: Diploma de autorização a ser maestro.

Fonte: Acervo pertencente a Sociedade União da Paz.

As informações contidas, perceptíveis na imagem acima, apresentam o diploma de cantor, expedido em alemão pelo Sr. Gustavo Katze, autorizando o Emílio Klein para exercer as atividades de regente. A partir da junção do coral das mulheres, chamado de auxiliadoras, e do coral Quatro de Outubro, surgia a Sociedade União da Paz, cuja imagem da sede pode ser observada abaixo. Diferente da figura 03, que mostra o prédio em sua

versão original, a imagem abaixo, permite identificar profundas transformações no seu estilo arquitetônico.

Figura 6: Sociedade de canto União da Paz.



Fonte: os autores.

A criação das sociedades de canto, faz parte do conjunto das manifestações culturais, que expressa parte das tradições, trazidas pela cultura alemã e que, caracteriza os imigrantes na nova terra. Desta maneira, a comunidade procurou preservar o folclore e os hinos espirituais, que eram compartilhados pelos imigrantes e seus descendentes e que eram entoados na língua de origem. Embora, a sede da sociedade tenha sido reconstruída, por intermédio do financiamento de um empresário da região, a aparência da sociedade permanece caracterizada [ainda que em parte] com traços originais.

O prédio foi tombado como patrimônio cultural municipal de Taquara, em 22 de agosto de 2012, com o intuito de preservar, por meio da aplicação da lei, os bens de valor histórico, cultural, arquitetônico da população, sendo impedido que futuramente venham a ser destruídos ou descaracterizados em sua totalidade.

Ainda, como parte dessas manifestações que aproximam a cultura e a identidade dos elementos étnicos apresenta-se a bandeira da sociedade de canto, constituída de elementos visivelmente ligados à pátria mãe, a Alemanha. A bandeira – restaurada em 2008 – é composta por três faixas horizontais, que fazem lembrar as cores da bandeira alemã. Percebe-se que a bandeira, através de sua configuração, procura representar a união da comunidade, através da sociedade, convergindo, mais uma vez, para a

valorização do elemento étnico, como ponto fundamental de representação da cultura e dos valores partilhados pela comunidade de Rio da Ilha.

Figura 7: Bandeira da Sociedade de Canto União da Paz.



Fonte: os autores.

O objetivo principal da bandeira, conforme mostra o termo “*liederkrantz*” “canções de grinalda”, que significa “composição musical de caráter popular” demonstram os sentimentos associados a coroa de flores naturais, estampada na bandeira. A bandeira serve, ainda, como porta-voz dos valores da cultura da comunidade, exercendo importante papel de difusora dos sentimentos almejados pela coletividade, que se faz representar por mais um símbolo da cultura material da comunidade teuto-brasileira.

A memória da comunidade foi profundamente marcada pela eclosão, em 1914, da I Guerra Mundial. A comunidade do Rio da Ilha acompanhava os acontecimentos de forma apreensiva. E, em pouco tempo a Alemanha começou a perder a guerra e as consequências refletiram sobre as colônias também. Passado um ano, a guerra continuava e, consequentemente dificultando a situação dos imigrantes alemães, decretado assim, que a língua alemã não seria mais utilizada nas escolas, passando-se oficialmente ao uso da língua portuguesa (IOTTI, 2001).

Em busca de novos significados, em especial quando a colônia começou a crescer, surgiu a preocupação com a construção da escola, do cemitério e da igreja. Na colônia de Rio da Ilha, a construção da comunidade evangélica [atual IECLB] foi dirigida com todo esforço, pois era a realização de um sonho e de uma necessidade, já que a colônia de

imigrantes continuava a se expandir. De acordo com lotti (2001) a cada dia mais terras eram ocupadas e cultivadas, tendo como resultado, a colheita abundante. A produção era transportada até a venda, local em que eram comercializados, como moeda de trocas, os produtos que eles não produziam.

De acordo com os depoentes, as escolas eram como nas demais colônias, de inteira responsabilidade da comunidade, que construía o prédio e contratavam o professor. Com forte influência da cultura germânica e da religião luterana, as escolas tinham, como preferência, ensinar os filhos dos imigrantes lerem a bíblia e fazerem os cálculos mais elementares à administração dos negócios (FLECK, 2004). Diante dessas necessidades, os professores, que não raras vezes eram colonos da própria localidade que sabiam ler e escrever com maior habilidade, exercia a função de educadores.

Sobre outro lugar importante da coletividade - o cemitério - as imagens coletadas, confirmam a chegada dos imigrantes alemães, na localidade. Nele, se constata uma diversidade de sepulturas e lápides, com datas entre 1900 a 1930. Uma das moradoras mais antigas, que nasceu e cresceu nesta localidade, com 89 anos, recorda que, durante sua infância, frequentava a escola, que se localizava ao lado do cemitério. A propriedade pertencia a seus familiares, seu avô Jacó Fleisch, que foi quem cedeu o espaço para o cemitério e a escola da comunidade. A depoente, lembra que o cemitério já existia e as atividades da professora eram desenvolvidas em língua alemã. Afinal o idioma era utilizado por todos no cotidiano da comunidade e exercia importante papel de coesão de identidade cultural na comunidade de Rio da Ilha.

Figura 8: Primeiro cemitério de Rio da Ilha.



Fonte: os autores.

Analisando as imagens do “cemitério velho”, como é conhecido pelos moradores, percebe-se que as lápides revelam diversos elementos culturais da comunidade. A simplicidade e a rusticidade das sepulturas atestam a vida simples da comunidade, que buscava, através do “lugar dos mortos”, recriar um universo cultural bastante próximo da vida cotidiana. Se a escola alfabetizava os imigrantes em sua língua materna, essa seria, naturalmente, a língua utilizada nas lápides do cemitério, que materializa parte das tradições e das crenças religiosas do grupo, que se dividia entre católicos e protestantes. Além disso, as informações sobre o nascimento e o falecimento estão registradas, permitindo identificar o momento da chegada e do falecimento, na localidade. Na tradição cristã, o cemitério, conhecido como Campo Santo, é o lugar de memória dos mortos, que deixaram como legado, a fundação da comunidade, ainda no século XIX.

Nesse mesmo contexto, temos a religiosidade como mais uma manifestação cultural da comunidade, associada diretamente a cultura germânica (DREHER, 1983). Como nos ensina o historiador Martin Dreher, a igreja protestante e a imigração alemã no sul do Brasil sempre estiveram intimamente ligadas, permitindo afirmar que a igreja era, de fato, uma das formas de expressão da *germanidade*, ou seja, o jeito de ser alemão no Brasil.

Construída em 1926, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em Rio da Ilha, permanece sendo frequentada por moradores desta localidade e, também serve como *lugar de memória*

(NORA, 1993), para lembrar da chegada dos primeiros imigrantes alemães na localidade.

Figura 9: Igreja Evangélica.



Fonte: os autores.

Além da igreja da comunidade, encontram-se casas que atravessam gerações. Muitas delas, ainda, construídas pelos imigrantes, recém-chegados da Alemanha. Construídos para moradias, essas casas refletem, na sua simplicidade, as dificuldades iniciais dos imigrantes alemães em viver numa terra muito diferente da sua. Parte dessas residências, encontram-se hoje, bastante modificadas, contando com melhorias, como banheiros e janelas envidraçadas, o que no início da colonização era completamente desconhecido na comunidade.

Vale destacar, ainda em relação a religiosidade e a presença da igreja, que seus moradores, ainda tem como ponto de referência da localidade, o lugar onde está a atual igreja evangélico-luterana [IECLB]. Essa realiza suas atividades mensalmente, mesmo que os frequentadores já não apresentem tanta expressividade. A religiosidade, que marca a identidade germânica do local continua, contudo, prevalecendo.

Após a visita em lócus, para coleta das informações e registro das imagens, nota-se que existem diversas residências dotadas de adornos em suas fachadas. Na oportunidade, teve-se contato com a neta de quem construiu uma dessas casas. Herdeiras na segunda geração, as gêmeas com 80 anos de idade, relatam que, por medida de segurança, fizeram reformas e ampliações, mas que não pretendem em nenhuma hipótese desfazerem-se

do patrimônio e que, “nada tem tanto valor, quanto estar no lugar em que nossa mãe cresceu” (HERDEIRA DA TERCEIRA GERAÇÃO).

Na trajetória percorrida pela pesquisa, se teve contato direto com o acervo pertencente à Sociedade União da Paz, deparando-se com uma “surpresa”, uma vez que os materiais que contam a história da casa, já não estão mais expostos e sim, guardados no sótão da sede da sociedade. De acordo com os depoentes, as fotografias estavam, até então, à disposição dos visitantes e de forma bastante visível. Lá também estava o violino, juntamente com a bandeira. Quando o prédio passou por reforma, em 2012, praticamente tudo foi reestruturado, e a intenção - naquele momento - era preservar a história local e ir mais além: de acordo com a comunidade, a pretensão era transformar o local em um espaço cultural, à disposição da comunidade e dos visitantes externos.

Entretanto, a realidade é outra. O local, ainda que mantido o espaço físico e visualmente conservado, não traduz, parte das manifestações culturais e as tradições da comunidade, que foram se apagando desse lugar. Atualmente, os encontros e festejos, que celebravam a memória dos imigrantes alemães não existem mais. O tradicional baile de *Kerb*, com sua culinária própria, e que manifestava parte dos saberes e fazeres de homens e mulheres da colônia, se desfez com o passar dos anos. O mesmo ocorreu com o coral de canto, que não se encontra mais, como no passado. Ficaram apenas as memórias em fotografias e nos lugares, onde antes se manifestavam essas tradições culturais da comunidade.

Quanto ao cemitério, esse também passou por transformação. O antigo cemitério não tem mais visibilidade como no passado, uma vez que a localidade conta, atualmente, com um novo espaço destinado ao sepultamento dos seus mortos. Mais amplo e acessível, o novo Campo Santo, de acordo com os depoentes, abriga os que já não estão mais presentes. Na mesma linha de interpretação, percebe-se, ainda que a estrutura física das residências se descaracterizou, devido às

necessidades encontradas pelos seus moradores, ainda que esses reconheçam nessas edificações, parte de seu patrimônio cultural edificado, que os remete a lembrança do passado dos imigrantes alemães.

4 Considerações finais

A composição social, a preocupação com a vida em comunidade, associada à vida religiosa, foram elementos imprescindíveis para os movimentos de força, que estão constituídos no interior do atual município de Taquara (RS), na localidade conhecida como Rio da Ilha. Uma comunidade de configurações [contemporâneas] tipicamente rurais e caracterizadas por laços étnicos [que remetem ao passado da comunidade] e que deram a identidade ao grupo, permitindo aos seus moradores – quando interrogados sobre suas memórias - rememorar os caminhos percorridos ao longo de várias décadas.

Este estudo não se limitou em buscar “como era a vida desses imigrantes alemães” afinal isso seria impossível. Buscou-se, através da coleta de dados – e dos registros de memória da comunidade - fatos que vieram ao encontro do que os depoentes, de forma voluntária, apresentaram quando manifestaram suas memórias.

Através do estudo pode-se concluir que os imigrantes alemães de Rio da Ilha, assim como a maioria dos demais imigrantes alemães vindos para o sul do Brasil, vieram em busca de uma nova vida, em que pudessem ter seu espaço de produção. Assim, o Brasil foi adotado como segunda pátria e nela se produziu um complexo processo de resignificação da cultura herdada dos imigrantes. O contexto espacial e temporal impuseram novas necessidades e, daí, nasceu uma cultura marcada pelo hibridismo cultural, na medida em que os elementos culturais herdados da pátria mãe, permitiram a elaboração de uma nova germanidade, ou seja, de um novo jeito de se expressar se “sentir alemão no Brasil.”

Diante da realidade contemporânea [marcada por fenômenos como o êxodo rural, a urbanização, a industrialização e a globalização] a situação da

localidade de Rio da Ilha se mostra bem diferente daquilo que os imigrantes e as primeiras gerações de descendentes pensaram e executaram para o lugar. Ainda que os tempos tenham mudado [e com eles as novas gerações e suas formas de pensar a cultura e a identidade étnica germânica] os prédios, que foram casas residenciais, comerciais e igreja, permanecem conservados. Também a sede da sociedade de canto, que representa um dos mais importantes lugares de memória da comunidade, é testemunho de um tempo de pujança, confraternização [com festas, comidas e cantos] e circulação de pessoas. Ainda que a escala de análise possa ser considerada reduzida, é preciso lembrar que é, através da singularidade dos espaços, que se pode melhor compreender a dinâmica de transformação cultural de uma sociedade, em tempos de mudanças cada vez mais rápidas e imediatas.

5 Referências

- BURKE, Peter. Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora UNESP, 2017.
- CANDAU, Joel. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2012.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas. São Paulo: Edusp, 2013.
- CARBONARI, María Rosa. De como explicar la región sin perderse em el interno. Repasando y repensando la Historia Regional. História Unisinos, São Leopoldo, v.13, n.1, p.19-34, 2009.
- CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Multiculturalismo e Fronteiras Étnicas. In: GOLIN, Tau et al. Império. Passo Fundo, RS: Méritos, 2007, p.257-278.
- CARREIRAS, Helena: A multiculturalidade. Cadernos de Educação de Infância. 2002. 62, p.16-17.
- CUCHE, Denys. A noção de Cultura nas Ciências Sociais. Bauru: EDUSC, 1999.
- DREHER, Martin. “O Fenômeno Imigratório Alemão para o Brasil”. Estudos Leopoldenses. v. 31, n. 142, Maio/Junho, 1995, p. 59 – 82.
- FLECK, Lucio. A saga do Vale: histórias da Imigração Alemã no Vale do Rio dos Sinos. Vol. I. Ed. 1, Edição do Autor, 2004.

- FRESTON, Paul. Dilemas de naturalização do protestantismo étnico: a igreja luterana no Brasil. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis, v.16, n.24, p.61-73 out, de 1998.
- GASTAL, Suzana (Org.) *Turismo: 9 propostas para um saber-fazer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- GEVEHR, Daniel Luciano; DILLY, Gabriela. Patrimônio cultural e tombamento no Rio Grande do Sul: uma contribuição para os estudos urbanos. *Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management)*, n. 9, v. 2, maio/ago., 2017, p. 262-275.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.
- IBGE -Instituto brasileiro de geografia e estatística. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=31475>. Acesso em: 23. Ago. 2017.
- IOTTI, Luiza Horn (Org.). *Imigração e colonização: legislação de 1747-1915*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do RS: Caxias do Sul: Educus, 2001.
- LANÇANOVA, Jônatas Luís; MADERS, Angelita Maria. Globalização: Um Desafio para a Preservação da Diversidade Cultural. In: DELÓLMO, Florisbal de Souza; CERVI, Jacson Roberto; VERONESE, Osmar (organizadores). *Multiculturalidade e cidadania: olhares transversais*. Campinas, SP: Millennium Editora, 2015. p. 93-110.
- MONTES, Maria Lúcia. *Raça e Identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- MOURE, Telmo: *RS: Imigração & Colonização*; Porto Alegre - Mercado Aberto: 1987.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto história*. São Paulo, n. 10, dez. p.07-28, 1993. [Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História PUCSP].
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.03-15, 1989.
- POUTIGNAT, Philippe; FENART, JocelyneStreiff. *Teorias da Etnicidade seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Frederik Barth*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 26, n. 77. p. 47-62, 2011.
- SOBRINHO, Paulo Mosmann. *Raízes de Taquara*. São Leopoldo: EST, 2008.
- WOODWAR, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeuda. (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 07-72.